

RESENHA

**OLIVEIRA, AMURABI. *GILBERTO FREYRE & A EDUCAÇÃO*. RECIFE:
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO: EDITORA MASSANGANA, 2023. 152 P.**

Marcus Bernardes

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: marcusbernardes@outlook.com.br

Áltera, João Pessoa, Número 16, 2023, e01602, p. 1-6

ISSN 2447-9837



Gilberto Freyre é um dos intelectuais brasileiros mais reconhecidos internacionalmente. Os seus escritos e feitos têm sido objeto de reflexão em diversas áreas do conhecimento desde a publicação do seu livro *Casa grande & senzala*, em 1933, traduzido para mais de dez idiomas. Há tanto tempo debatido, o autor representa um duplo desafio a quem se proponha a apresentar elementos ou facetas novas para o público leitor, em função da abundância da própria obra gilbertina e da enorme fortuna crítica. Contudo, e confirmando a marginalidade que a educação ocupa enquanto tema de estudo nas ciências sociais, o livro *Gilberto Freyre & a educação* explora justamente essa lacuna, o que configura um aspecto importante das investigações mais amplas do professor e pesquisador Amurabi Oliveira sobre a história das ciências sociais no Brasil.

O objetivo do livro de Oliveira, centrado na pessoa-personagem Gilberto Freyre, é mapear a questão educacional em sua diversificada obra (livros, artigos em revistas e jornais, prefácios, planos de ensino, entrevistas, etc.) e no registro de sua atuação institucional, principalmente na direção do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife (CRPE). Evoco aqui a noção de pessoa-personagem (Gonçalves; Marques; Cardoso, 2012), porque ela ajuda a entender o caminho feito por Amurabi Oliveira, já que, ao analisar a vida e a obra de Gilberto Freyre, o autor revela um modo como o intelectual pernambucano constrói um conhecimento sobre si e sobre o mundo.

A escola no Brasil, em sua acepção curricular, formativa e de direito público subjetivo, tem sofrido intermitentes intervenções que reduzem a educação a um campo técnico do saber, apartado do mundo social dos estudantes. Revisitar Gilberto Freyre nesse contexto, como proposto por Amurabi Oliveira, significa buscar alternativas – estranhamente, no passado – de uma proposta pedagógica que forneça subsídios, pontes e conexões entre a realidade e as diferentes abordagens teóricas do mundo social. Isso soa estranho, porque o novo deveria ser uma articulação do presente. Contudo, se o passado revela a potencialidade do inovador, duas constatações são possíveis: as lições pretéritas não foram aprendidas, e/ou estamos em retrocesso.

O livro está dividido em quatro capítulos. No primeiro, intitulado “A educação e formação intelectual de Gilberto Freyre”, de influência teórica bourdiana, é explorado o capital cultural herdado de sua família. Do lado do pai, que era professor e vice-diretor do Colégio Americano Batista do Recife (onde Gilberto Freyre estudou), vemos uma relação direta com a educação. No lado materno, situa-se uma aproximação com a literatura, que influenciou a forma de sua escrita.

Durante os anos escolares, conta-nos o professor Amurabi Oliveira que Gilber-



to Freyre foi um aluno exemplar. Proveniente de uma família abastada, o intelectual recifense tinha a possibilidade de estudar em outro país. Entretanto, o fim de sua educação secundária coincide com os eventos da Primeira Guerra Mundial; por isso, a Europa não era um destino possível para a continuidade dos estudos. Dessa forma, ele ingressa no bacharelado de Artes Liberais da Universidade de Baylor, na cidade de Waco (Texas), nos Estados Unidos.

O período que ele passou na Universidade de Colúmbia, já na pós-graduação, merece uma atenção particular. Constitui lugar-comum a noção de que Gilberto Freyre é uma espécie de representante de Franz Boas no Brasil. Nos cursos de graduação de Ciências Sociais no Brasil, é bem difundida a ideia de que o brasileiro teria sido seu orientando. Agora sabemos que isso constitui muito mais um desejo de Gilberto Freyre do que necessariamente a realidade. “Contrariamente ao que se difunde em alguns trabalhos, Freyre não realizou mestrado em Antropologia nesta instituição, tampouco foi orientado por Franz Boas (1858-1942). Seus estudos foram realizados em História Social” (Oliveira, 2023, p. 28). Em trabalho recente que discute a fabricação do “conceito” do luso-tropicalismo e suas implicações políticas no contexto africano, Valdir Alves vai além: não há influência de Boas na obra de Freyre, “o que há são frases citando apenas o nome de Franz Boas e uma ideia dúbia de cultura” (Alves, 2018, p. 24).

Amurabi Oliveira destaca que, no mestrado em História Social, Gilberto Freyre realizou cursos de Antropologia ministrados por Franz Boas entre 1921 e 1922. Na dissertação defendida para obter o título de *Master of Arts*, no entanto, não há referência ao trabalho de Boas. Após a publicação de *Casa grande & senzala*, sua principal e mais conhecida obra, há menções à figura de Boas nos vários prefácios ao longo de suas reedições. A partir dos arquivos da Fundação Gilberto Freyre, Amurabi Oliveira também analisou as anotações de aulas do período em que Freyre trabalhou como professor de Antropologia Cultural na Universidade do Distrito Federal¹, em 1935. Nesse momento, não havia menção ao antropólogo alemão em suas aulas. Contudo, décadas depois, quando essas aulas foram revisadas para publicação, “são inseridas referências ao trabalho de Boas, o que me parece estar diretamente ligado ao processo de legitimação do autor como antropólogo” (Oliveira, 2023, p. 30).

O segundo capítulo, “Gilberto Freyre no campo educacional: professor e diretor”, destaca facetas pouco exploradas do antropólogo-sociólogo pernambucano como docente e gestor educacional. A aversão de Gilberto Freyre às concepções mais conservadoras de ensinar ressoou em inovações pedagógicas interessantes quando foi professor na Escola Normal de Pernambuco e na Universidade do Distrito Federal. Entre os elementos críticos que caracterizaram a sua atividade docente, destacam-

¹ A Universidade do Distrito Federal foi criada em 1935 durante a gestão de Anísio Teixeira como diretora da Instrução Pública do Distrito Federal, quando o Rio de Janeiro era a capital do Brasil.



-se: o professor como elemento de transformação social; e o incentivo às práticas de pesquisas e investigação dos espaços habitados na cidade e no campo pelos estudantes, culminando na busca pela caracterização e pelo entendimento do elemento regional.

Para entender a sua atuação como diretor no CRPE do Recife, na década de 1950, é necessário retornar alguns anos, quando Gilberto Freyre conheceu Anísio Teixeira em meados da década de 1920. Gilberto Freyre era oficial do Gabinete Civil do governador Estácio Coimbra em Pernambuco, e Anísio fora recém-nomeado como diretor de Instrução Pública da Bahia (Viana Filho, 1990). Ambos eram entusiastas da organização escolar dos Estados Unidos e tinham a Columbia University como uma referência central para a pesquisa educacional. O Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, fundado em 1957, é uma extensão do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) criado por Anísio Teixeira dois anos antes, quando foi diretor-geral do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). Essa articulação entre o nacional (CBPE) e o regional (CRPE) tinha muita afinidade com o pensamento de Gilberto Freyre, o que explica a sua adesão ao projeto – mais do que as relações de amizade com Anísio Teixeira –, como destaca Amurabi Oliveira.

O CRPE do Recife tem passado despercebido na história da educação e das ciências sociais no Brasil, apesar de ser um “dos centros que mais se aproximou do ideário inicial presente na criação desse projeto institucional” (Oliveira, 2023, p. 61) – aproximação verificável em suas conexões diretas com a educação, nem sempre seguidas pelos outros centros regionais. O periódico *Cadernos Região e Educação*, publicação do CRPE de Recife, teve 27 números, por exemplo; mais edições que a revista *Educação e Ciências Sociais* do CBPE, com 21 números. Outro dado importante é que, em Pernambuco, foi criada a Escola Experimental do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, seguindo a premissa geral do CBPE de que cada centro deveria organizar uma escola experimental de ensino primário e secundário para servir de laboratório de ensino, pesquisa e aperfeiçoamento do magistério.

Gilberto Freyre não dedicou nenhum livro exclusivamente ao tema educacional. As suas contribuições ao campo da educação estão diluídas em sua obra, constituindo uma tarefa difícil de mapear. Assim, além das relações mais diretas desse tema no CRPE do Recife, Amurabi investiga, nos escritos mais amplos sobre a sociedade brasileira, rastros para o pensamento pedagógico de Gilberto Freyre, o que constitui o foco do terceiro capítulo.

O “pensamento pedagógico de Gilberto Freyre” é marcado, de um lado, pela negação do ensino “livresco”, e de outro lado, pela importância da empiria (a pesquisa de campo como estratégia pedagógica e o conhecimento da realidade do estu-



dante) no ensino. A investigação social deve ser formadora, estrutural e pedagogicamente, da carreira docente; ou seja, a formação combina ensino e pesquisa. Assim, a pedagogia perde se for apartada das ciências sociais, segundo Gilberto Freyre (ressoando o próprio Anísio Teixeira, que relacionava arte, ciências e educação). Além disso, a educação tem um papel na integração regional, sem perder de vista a perspectiva nacional e cosmopolita. Por fim, Amurabi Oliveira destaca as relações entre a sociologia da criança e a sociologia escolar, tema pioneiro no campo da história da infância no Brasil e ainda pouco explorado pela literatura especializada.

A caracterização do pensamento pedagógico gilbertino e a ênfase na importância do CRPE do Recife para a história das relações entre educação e ciências sociais no Brasil são contribuições preciosas do livro. Acredito que uma forma de ler criticamente Gilberto Freyre, além de situá-lo historicamente (como indicado no último capítulo, “Raça e educação”), seria propor leituras conjuntas desse autor com seus contemporâneos. Um exercício interessante em sala de aula seria colocar em tensão a abordagem de Gilberto Freyre sobre as relações raciais no Brasil e as críticas de Alberto Guerreiro Ramos (1995, publicadas originalmente em 1954) acerca do problema do negro na sociologia brasileira. Tal discussão implicaria a reflexão sobre o papel da branquitude nas relações raciais no Brasil, o dito nas teorias sociais e o vivido no cotidiano. Como alerta Valdir Alves (2018), é preciso atenção para os desdobramentos – para além do pequeno mundo da academia – do pensamento gilbertino na consolidação de narrativas que acentuam a superioridade portuguesa na colonização – perspectiva que reverbera até hoje no continente africano.

Todas essas potencialidades para a sala de aula podem ser amparadas pelo livro de Oliveira. Ele pode ser trabalhado, principalmente, com turmas finais do ensino médio e turmas iniciais de graduação, cujo interesse ronda esse universo da educação, das ciências sociais, das formações histórico-culturais do Brasil e da história e cultura afro-brasileiras nas escolas e universidades. Ao mesmo tempo que evidencia a importância da pesquisa social para o ensino (e os papéis desempenhados por docentes e discentes), a obra fornece um embasamento para uma leitura crítica das interpretações do Brasil que continuam reverberando para além dos muros da academia.



REFERÊNCIAS

ALVES, Valdir Silva. **Transvaloração do luso-tropicalismo**. 2018. 103 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2018.

GONÇALVES, Marco; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia (org.). **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

OLIVEIRA, Amurabi. **Gilberto Freyre & a educação**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2023. 152 p.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

VIANA FILHO, Luís. **Anísio Teixeira: a polêmica da educação**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

